N.º 53 (2.º) — (175) — 4.º ANNO

Terça-feira, 14 de Novembro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida).40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º—Lisboa

Consumatum est!

2.º ANNO
A GARRA
O RAIO
A SATYRA
O BERRO
A TROIA
O ADHESIVO
SILVA E SOUZA

O **Zé,** entrando hoje no seu 2.º anno de lucta, sauda o povo e a patria!
Lamentando, que alguns collegas que nasceram para o derrubar, tenham dado entrada na... eternidade...

"O ZÉ,,

Entrando hoje no segundo anno da sua existencia, que veio succeder ao «Xuão» de ominosa memoria, procurará manter a sua intransigente linha de independencia, de honorabilidade profissional que tão cara tem custado á sua empreza que, vivendo apenas do favor publico, tem luctado com as maiores vicissitudes que só uma pertinacia constante a tem mantido ante a confiança e estima do povo.

Não vão longe os dias, que a empreza d'«O Zé», era arrastada aos bancos da «Boa Hora» porque causticava pelo lapis brilhante de Silva e Souza e pela doutrina eloquente dos seus redactores, a quadrilha que tinha a saque o paiz, acobertada pelo symbolo monarchico.

Hoje como hontem—continuaremos na invariabilidade dos nossos principios, contribuindo dentro do limite das nossas forças, paira o engrandecimento e perfeição da deia que o mesmo será que dizer do regimen pelo qual verteremos a ultima gota de sangue e queimaremos o derradeiro cartucho! «O Zé», creou-se para premiar as virtudes e feitos dos homens que se propõem dirigir os destinos d'esta patria que bem digna é de melhores auspicios. A critica, será implacavel contra os erros e desmandos venham elles d'onde vierem; aqui, n'esta tribuna bem pobre de valor e bem mais faminta de erudição, uma só nuance conhecemos — o povo, por elle e para elle trabalhará «O Zé» que, marchará cego ao egoismo e ambição d'aquelles que sobrepondo as suas ambições aos interesses da patria, os saberá causticar pelo ridiculo e levar á execração publica.

Bem sabemos quantos sacrificios e quantos odios nos espreitam, porque bem cara já nos tem custado a linguagem da verdade; mas, serenos e senhores da rasão e da consciencia que guia os nossos actos, não os temendo, apenas nos alanceia a lembrança de que o povo nos retire ámanhã o braço amigo que nos tem levado e encorajado n'esta lucta bem espinhosa mas alevantada! N'este dia de festa, não de regosijo festivo porque somos muito pobres; saudando o povo portuguez, a republica, abraçamos os nossos redactores, collaboradores, agentes e todos os bons amigos que se interessam pela existencia e prosperidades do jornal «O Zé».

Viva a Patria livre!
Viva a Republica Portugueza!

♣

DE PAU A' VISTA

Finalmente a Camara consentiu que pudessemos espetar sem licença os paus de bandeira nas nossas janellas.

Cidadãos, quem quizer póde ter o pau de fóra, que a vereação não o metterá para dentro, nem que vocês lhe paguem!

A NOSSA GRAVURA

O director d'«O Zé», desejando provar a alta estima e apreço em que conta os seus colaboradores, publica hoje, dia de festa, o grupo dos seus dedicados amigos que dia a dia, o veem auxiliando na ardorosa lucta a que se impoz.

Lamenta, que egual honra não possa dispensar aos brilhantes jornalistas Arthur Neves, Arlindo Boavida, Antonio R. Xavier (Styl) e ao seu dedicado chefe de venda.

No primeiro plano sentados, vê-se ao centro o director d'«O Zé», Estevam de Carvalho; ao seu lado direito—Ricardo Souza (administrador) e Rodrigues Laranjeira (redactor); do esquerdo—Silva e Souza (caricaturista) e Francisco Vianna (gravador).

No segundo plano da direita, Sertorio Ramos (administração), e o dedicado distribuidor d'«O Zé»; da esquerda, Antonio G. Maciel, o devotado amigo impressor do nosso jornal.

E ladeando o grupo, temos os intelligentes e brilhantes chronistas os nossos amigos: Eurico Zuzarte e Armando Ferreira, que são duas esperanças do nosso exercito.

As novas installações

A empreza do «Zé,» tem a honra de participar ao respeitavel publico que, apezar dos seus innumeros encargos, acaba de resolver installar a sua nova séde no palacete n.º 81 da rua do Poço dos Negros onde, já se estão montando as suas officinas e nova machina ultimo modelo chegada de Torino (Sociedade Augusta).

A inauguração da nova séde e officinas, realisa-se brevemente. A empreza espera continuar a merecer a benevolencia e acolhimento com que tanto a tem distinguido o paiz.

♣

ACLARANDO

A todos os nossos presados agentes, assignantes e ao publico, communica a empreza do jornal «O Zé» que, nada tem de commum com a conceituada empreza do novo jornal — «O Paivante».

A presente aclaração, é para evitar de futuro, a continuidade do envio para a nossa administração, de pacotes com os jornaes d'aquella nova empreza e que teem sido dirigidos para diversas localidades com o endereço seguinte:

«Ao Dig.^mo agente do jornal «O Zé»

Uma coisa, é o sol quando nasce ser para todos, outra é o abuso e a falta de seriedade.

♣

Dr. Lopes de Oliveira

Este nosso amigo, a quem a Republica tanto deve, já pela sua acção de jornalista e de orador, já pelos seus trabalhos de organisador, no «comité» revolucionario da Beira Alta, acaba de prometter nos para breve a sua collaboração.

Julgamos dar aos nossos leitores, uma optima noticia, annunciando lhes a prosa do nosso querido correligionario, que é já tambem um dos nossos jornalistas mais experimentados.

Fitas corridas

Symphonia d'abertura.

Minhas senhoras. meus senhores.

Ocupando um logar que me não pertence, venho como os governos apresentar-me e apresentar o meu programma, provisorio é claro, pois conto não aquecer este logar por incompetencia manifestada (não apoiado).

Eu sou, minhas senhoras e meus senhores, aquelle outro que vós não conheceis. Ficae-o sabendo.

O meu programma é simples como o meu nome. Saiu d'uma prece d'um tal «d'Arouêt» talvez parente do sr. Luiz Derouêt que não é no entanto philosopho senão no deixar crescer o cabello; como dizia o meu programma veiu d'esta phrase que «d'Aronêt» ou seja «Voltaire» pronunciava ás vezes e que eu de mãos postas á beira da cama repito todas as manhãs:

«Meu Deus. Tornai ridiculos os nossos inimigos.»

Voilá. Que sejam em excesso de ridiculos os politiqueiros do paiz, que o sejam os actores, os burguezes lascivos e até os proprios operarios que não tem gestos de energia.

Ridiculos os inimigos da instrução do progresso, do futuro.

E então quando elles o fôrem, nós vamos buscá-l'os ao canto do seu escriptorio, ao seu gabinete, ao camarim, ao inferno e puxando-os pelas orelhas, deformando-lhes o nariz, escancarando-lhes as boccas, far-te-hemos, leitor á sua custa rir, deixando os n'um riso tambem mas... amarello, de despeito.

Na politica, então seremos imparcialissimos. Hoje agarramos no nariz abatatado do sr. Affonso Costa e apresenta-l'o-hemos a saborear com um jezuita ao sr. Antonio José d'Almeida. Agarramos no sr. Antonio José d'Almeida e com môlho de thalassas dam'o-l'o a trincar ao sr. Bernadino Machado. (apoiados)

Agarramos n'este pôm'o-l'o nos cucurutos d'uma lampreia d'ovos e dám'o-l'o ás creanças para tasquinharem.

Daremos conselhos a todos. E nas crises politicas, descancem, terá o Sr. Presidente da Republica, em nós um prestimôso auxiliar.

Devido ás aspirações do pôvo com quem andamos de braço dado a ver os «fantoches» da Feira... das ambições» dar-lhe-hemos ministerios como este, ao paladar do publico:

Presidente sem pasta: Affonso Costa.
Ministro do interior: Affonso Costa.
Ministro da justiça: Affonso Costa.
Ministro das finanças: Affonso Costa.
Ministro da guerra: Affonso Costa.
Ministro da marinha: Affonso Costa.
Ministro das colonias: Affonso Costa.
Ministro dos extrangeiros: Affonso Costa.
Ministro do fomento: Affonso Costa.

(Muitos aplausos corôam cada um dos nomes pronunciados.)

E, como o panno vai abrir deixai começar a pôr já em pratica a prece de Voltaire, e afivelar a mascara do riso, para occultar a tristeza que a baixa politica nos causa.

Para começar, lembro tambem ao sr. Presidente da Republica que nomeie «correio de ministro» do ministerio mencionado... o sr. Alfredo de Magalhães.

Tenho dito.

*

Clave de Ré.

Com a questão economica falla-se muito em creação de «fontes de receita». Com franqueza nós já estamos fartos de as ouvir ennumerar e estranhamos que ainda se falle em mais.

Elle é uma esquadra poderosissima.
Elle é um arsenal na outra banda.
Elle é a criação d'um ministerio da instrução.
Elle é a ponte sobre o Tejo.
Elle é a ampla liberdade de conspirar.
Elle é equipamentos nóvos para o exercito.
Elle é um ministerio da agricultura.

Com tão poucas fontes de despeza não sabemos para que se querem mais de «receita.» A não ser que em vez de «fonte» se arranje um chafariz com as carrancas dos srs. Marquez de Franco, Monteiro Milhões e outros, com um canudinho na bocca ou no... nariz por onde despejassem dinheiro.

*

O concerto.

Fomos ao concerto do sr. Vianna da Motta. Com toda a sinceridade aquillo são «perolas a» ...(O' diabo lá me ia a esquecer que o sr. Camacho tambem é alemtejano). Por alturas dos «estudos de execução transcendente» metade da assistencia cabeceava com somno.

Os homens pensavam na politiquice, as senhoras que resistiam olhavam para os toillettes das outras.

Meu caro amigo, fuja de Portugal. Vá lá para as nações cultas e onde almas estejam preparadas para o apreciarem como merece. Em Portugal só a politica ou o «Looping Loop» ou ainda o «Raku» podem atrair a atenção dos espiritos.

Bem vê que para isto não se é preciso puxar um pouco pela sentimentalidade e pelo gosto artistico.

Vá. Corra ao extrangeiro, engrandeça o nome portuguez emquanto cá por dentro se esfaqueiam. Vá lembrar por lá que no occidente ainda existe um pôvo livre e que não sômos uma provincia de Hespanha. E não lhe diga que fugiu de cá por ser grande de mais para tão mesquinha sociedade!

Não lhes conte isto que eu ouvi, durante um concerto. Uma menina muito bem vestida, que namorava um «pachóla» ao terminar o meu amigo de tocar uma d'aquellas maravilhas, volta-se para a mamã, estranhando talvez o facto de V. Ex.ª não ter musica defronte de si, e pergunta:

—O' mamã. O Vianna da Motta toca d'ouvido?

*

Fuga em sól.

Houve quem propalasse que o sr. Antonio José d'Almeida, ainda entraria n'um futuro ministerio de reconciliação...

—Livra!

*

Simphonia em dó.

O sr. dr. Manuel d'Arriaga, por alcunha o presidente da Republica, resolveu doár varias instituições de beneficencia com um conto de réis do seu ordenado. E' claro que os pobres todos aflitos, desacustumados de rasgos tão generósos foram ter com o sr. Eusebio Leão a perguntar se o cerebro que dirigia os distinos do paiz éra o de um desiquilibrado!

Tão alta personagem... dar um conto de reis para os pobres!

Se já se viu coisa assim!?

D. João V «O Magnanimo» tem phrases, e actos de uma philantropia regia, como os carrilhões de Mafra, capellas e sacristas riquissimas. mas que se saiba não desceu a dar «lépes» a um vagabundo que faça asco olhar para elle!

A sr.ª D. Maria Pia que outros cognominaram de «piedosa» gastou 1.523.685$576 reis em actos de beneficencia propria, fóra as viagem de todo o momento, e nunca se baixou a tirar ao seu ordenado, tão bem ganho, a ridicularia de um conto de reis, para os pobres.

E é por isso que agora os pobres, os miseraveis nos paroxismos da fome, põem as descarnadas mãos á cabeça, perguntando aonde irão os destinos do paiz, dando o seu chefe... um conto de reis para elles!

O que faz o habito!

Pobres pobres!

Lisboa-10-XI-911

O substituto:
FULANO DE TAL

Cantigas populares

Para as meninas cantarem ao piano. Musica toda em «si».

João Gouveia tem azas,
Tem azas mas não avôa!
Tenho um filho que é ranhoso,
E ao lenço da mãe se assôa!

—

Para ser cantada á hora do jantar, quando haja visitas.

O' sopas pegae no prato,
Que eu não quero mais comer!
Por causa d'esta comida,
Já tenho a garganta a arder!...

SUJAM-SE

Um jornal diario diz, a proposito da revolução na China, que os revolucionarios agitam Nankin!

Devem os revolucionarios ter muita cautella porque isto de agitar «Nankin» póde sujar um homem!

A Portuguêsa d'"O Zé,,

(Musica da Portugueza)

I

Leitor's d'«O Zé», gente têsa,
Grande povo lusitano,
Assoprae a Portuguêsa,
Porque «O Zé» faz hoje um anno!
Entre as mãos dos portuguzes,
«O Zé» hoje se endireita,
Até vem de barba feita
Para agradar aos freguêses!

Pó Pó Pó Pó Pó Pó

A' unha! A' unha!
Portuguêses d'uma cana!
A' unha! A' unha!
E' lêr «O Zé» esta semana!
Quem não o compre, é um banana!

II

A gente quasi enlouquece
E é tão grande o movimento,
Que «O Zé» dobra-se e agradece
Todo o vosso acolhimento!
Eia avante! Patriotas!
Se qu'reis a patria escudadada
Lêde «O Zé» que tem piada
Nos risinhos e chacótas!...

Pó Pó Pó Pó Pó Pó

A' unha! A' unha!
Etc. Etc.

Joaquim Neves

Veio apresentar nos as suas despedidas, este nosso antigo e valoroso camarada de redacção que, durante largos mezes nos deu a honra da sua brilhante collaboração e leal camaradagem em todos os transes por que tem passado o nosso jornal desde «O Xuão».

Lamentando a sua resolução, não podemos deixar de felicitar o velho collega que, actualmente está secretariando a redacção do jornal «O Paivante» onde, sem duvida, deverá ter um futuro que «O Zé», com os seus annos de existencia não lhe pôde offerecer, apezar da nossa bôa vontade.

A secção, que estava a seu cargo, passará de futuro, a denominar-se—«Fitas Corridas», ficando a cargo do brilhante chronista «Fulano de Tal».

Os correios

Não vemos fórma, de pelo menos, obter-se um regular serviço dos nossos correios; faltam jornaes, extraviam-se correspondencias, passam se telegrammas na estação do Rocio ás 5 horas da tarde e chegam a Arroyos ás 10!!!

A que attribuir tal estado do serviço postal?

Não se percebe, como o actual administrador geral dos correios, diga aos quatro ventos, que o serviço dos nossos correios é o melhor do mundo!

Vê se bem, que o antigo progressista está a troçar com a tropa, e que nas suas viagens atravez do oceano do... Barreiro, muito tem visto e aprendido.

Falla o mestre!

Derrubado da sua peanha de gloria, já toda a turba multa lhe serve para impingir o seu latim

Vem cá meu lindinho!

Ahi teem, como uma penada do Mephistofeles da... republica, atirou para Paris um presidente encravado

Instantaneos

I

A crise

(Em casa do «Homem Publico». S. ex.ª passeia afagando a pera branca. Parece agitado. De vez em quando pára junto do telephone).

S. ex.ª: (monologando). Que inferno! Que situação horrivel! Isto é incrivel! (tocam ao telephone) Emfim! (corre ao apparelho) Tá-lá? Quem falla? Aqui Dr... Tal. Ah! é o senhor! Que deseja... Ir lá no domingo inaugurar o centro!... Está bem. Seus meninos como vão? bem? E sua esposa? e sua esposa como vai?... Descance Se puder irei. Não sei se... a crise ministerial... emfim... eu farei todos os esforços. Adeus. Muitas recommendações e beijinhos aos meninos. Sim? (desliga). Ora, esta! Isto é demais! nada de me chamarem..„ (passeia).

(Uma creada entrando).

—Sr. dr. Um sujeito deseja...

—Que entre, que entre. Emfim. E' a chamarem me ao poder. (Entra um tipo de analfabeto, cara de fome, mal vestido. Vê-se logo que é jornalista).

—V. ex.ª dá-me algumas palavras sobre a situação actual?

—Ah meu amigo. E' preciso um governo de concentração, com medidas energicas. Um governo ás alturas. Um governo que faça isto, atenda a aquillo, decrete mais isto.

—V. ex.ª porque não acceita uma pasta?

—Oh!... Por fórma alguma...

—V. ex.ª, é um homem de bem...

—Certamente, o paiz necessita de homens de bem... mas... eu... emfim... (àparte)... e o tempo a passar e se calhar não se lembram de mim. (alto). Eu tenho o meu programma elaborado; é muito bem feito, mas para agora não me parece; no entanto se a nação precisasse de mim...

—Muitissimo obrigado, sr. dr. (despedindo-se) ás suas ordens... (sae).

S. ex.ª (passeando na sala). Nada... absolutamente nada! São capazes de formar gabinete sem mim!... (tocam ao telephone)... Ah. Agora... emfim; deve ser d'esta vez. Está lá? (empalidecendo!) O quê?... Governo constituido?! Oh! que horror! (desfalece; Entretanto tocam novamente ao telephone) Quem falla? Hein? Se quero sobro?... E' o carvoeiro! Ora bolas... (escutando) Quaes bolas! Quem é que pediu bolas!?... Vá para o raio que o parta! (cae sem sentidos).

FULANO.

♣

Ao sr. João Chagas

A proposito da quéda do governo.

E' já este o segundo ministerio
Que a Republica sabe devorar.
Sabemos lá onde isto irá parar,
Tamanho é já o cheiro a cemiterio!...

O que pasma é um homem de criterio,
Que soube nos seus tempos batalhar,
Não repellir os cães e vir tombar,
Como tomba um tyranno d'um imperio!

Cahiu então por causa d'um artigo,
Que era mais o punhal d'um inimigo,
Do que a ajuda leal d'um companheiro!

Não póde ser. E' futil a razão:
Quem sóbe a governar uma nação,
Não desce a que lhe morda um fraldiqueiro!

Ao correr da fita

—O' visinha, que barulho é este?

—E' o «Zé» que faz hoje um anno!

—Já?

—Pois pudera! Não acha que é tempo?

—Parece que foi hontem que nasceu!

—E' uma creança muito engraçada. Sae ao pae. Filho de peixe...

—Chamam lhe malcreado algumas pessoas, sabe, visinha?

—Isso são calumnias! Não é malcreado tal! Tem até muita graça. Quando o vejo faço-lhe festinhas na cabeça e beijo-lhe a boquinha.

—E elle gosta?

—Muito! E' um brinquinho a creança!

—A visinha lembra-se de quando elle se poz em pé?

—Lembro! Era um mimo! A agarrar-se-nos ás pernas, a marinhar por nós acima...

—Tinha muita graça o diabo do rapazinho! E já lá vae um anno...

—Por isso ha hoje festa! Nós tambem devemos acompanhal-a com a nossa alegria. Viva o «Zé».

—Viva o «Zé»!

—Vivam as columnas do «Zé»!

—Vivam as paginas do «Zé»!

—Vivam as figuras do «Zé»!

—Vivam as lettras do «Ze»!

—Viva o artigo de fundo do «Zé»!

—Viva a cabeça do «Zé»!

—Viva o coração do «Zé»!

—Fique sabendo, visinha, que é com estes enthusiasmos que havemos de fazer o «Zé»!

—Contente se, visinha, que já temos o «Zé» feito...

Cá e lá

«A Republica», com aquella auctoridadeouta que todos lhe roconhecem, a proposito d'um notavel discurso de M. Cailleaux, presidente do conselho do governo francez, transcrevendo-o, abre o artigo com uma entête, na qual insere quatro phrases que valem um poema.

Ve se e admira se lhe os seus intuitos, mas temos a observar ao illustre collega que, Cailleaux, é um estadista de altissima envergadura, e como se isso não bastasse, é chefe do governo que actualmente dirige os destinos da França!?

Sim... o fogoso Mirabeau de saudosa memoria já nos comprehendeu. Não é assim?

♣

THEATRO NACIONAL

Com o regosijo natural de todo o bom admirador de arte, damos ao publico a boa nova que o **Theatro Nacional** abriu as suas portas e parece disposto a fazer uma epoca de verdadeiras maravilhas.

Começando pelos «20.000 dollars» traduzido pelo inspirado e conhecido poeta Felix Bermudes, seguindo-se o «Sol da meia noite» traduzido pelo insigne letrado Freitas Branco não será antever muito, idealisar uma epoca de mão cheia.

E bom é isso. O verdadeiro theatro é este onde se faz arte e a pleiade de artistas que elle contém são mais que dignos de nos darem noites de inolvidaveis successos.

Dos reconditos do nosso modesto viver, saudamos a empreza, desejando lhes as maiores prosperidades.

—O sr. Botto Machado acabar com a miseria.

—Acabar a questão das carnes.

—Vendêr-se já azeite a treze vintens o litro.

—Apparecerem nos animatographos fitas que não tenham 4 leguas e meia.

—O sr. José d'Almeida deixar de explicar as asneiras que faz com outras peóres.

—Haver homens que cheguem para a... joven Republica, apezar de joven.

—O sr. Bernardino, nas crises, deixar de lhe pular o pé.

—O sr, Laranjeira—a quem muito prezamos—deixar de nos parecer um papagaio.

—O Ramos não collecionar...uf...mais catalogos,

—O sr. Batalha ser... homem...

—O «Paivante» deixar de dar muito que fazer... aos seus redactores.

—O Estêvam deixar de andar encravado...

—O «Zé» deixar de se ir aguentando apezar da «troça» dos «paivantes ridiculos» cuja «satyra» não «agarra» a d'elle...

—O Zé povo não estar já farto de tanta politiquice mesquinha.

—O sr. Almeida deixar de ser apupado...

—O sr. Chagas deixar de dizer que na ...França é um descanço.

—O sr. Alfredo Magalhães largar as abas da casáca ao sr. Affonso.

—Não ser, o mesmo, sr. o «caixeiro-viajante» da Republica.

—Haver um raio que parta a praga maldita que se junta na farmacia do «Soíza» a arranchar á má lingua.

—O maldito canario não mandar mais impossiveis.

—O Zé escolher novos nomes para toda «aquella troupe».

—O barriga d'azeitona não fazer tanta lambança.

—A canastra canastrão calar a bocca.

—A pomba viciosa ser mais animada.

—Os «cascos» dos engenheiros descobrirem a maneira de salvarem o casco do «S. Raphael.

—Saber se o producto da subscripção para a compra do novo barco terá de ficar de molho como succedeu com as victimas da revolução.

—O Zé, attendendo á solemnidade do dia. não dar chochos e marradinhas aos seus leitores.

CHARADAS... RACHADAS

Vá lá mais uma secção. Esta é para as familias se entreterem nas noites de inverno, em que a chuva açoita as janellas e a creanças levam açoites, etc. etc

Com certeza percebem como se mata uma charada rachada. Aqui está uma para exemplo:

—Qual é o portuguez mais sebento, mais gorduroso, mais azeiteiro, emfim o mais pôrco?

Apostamos que os leitores iam dizer já que é o sr. Brito Camacho. Não é tal! é o sr. Leitão.

Outra:

—Qual é o portuguez mais lindo, mais... «ai crédo! que horror!...» qual é?

Ah! marôtas! Vocês estão para dizer que e o Antonio Zé! Pois não é! O mais lindo é o sr. Bello, depois o sr. Gentil e no fim o sr. Feio.

Como vêem, isto é d'um alto valor psychologico, principalmente se fôr tomado ás colheres.

Vá lá duas para ralarem a fressura:

—Qual é o official portuguez que sem se ralar nada, faz tres contos por anno?

—Qual é o membro do congresso que os homens trazem ás vezes á dependura?

Divirtam-se que no proximo numero damos as decifrações

A um postal

Entre outra correspondencia, deparamos com um interessante postal que, prova bem a insensatez para não dizermos a ignorancia que lavra por esse paiz fóra. O auctor do anonymo postal, é sem duvida, dos que não sabem o que é ser republicano; nem todos quanto o julgam são republicanos. Dar vivas á republica ou ao idolo **a** ou **b.** não quer dizer que seja um bom republicano!—emparceirar no cortejo do servilismo e da idolatria, não é ser republicano—é apenas um ignorante que vae na onda do impulso e do enthusiasmo de occasião, não sabendo por isso definir a distancia que vae entre principios e homens.

E' bom republicano, a creatura que com desassombro, sabe definir principios e impol-os aos inimigos com erudição e auctoridade moral; sabe respeital-os e por elles sacrificar-se sempre, ainda nos mais angustiosos momentos da sua vida, e que trabalhando pela sua causa, d'ella nada tenha aproveitado e continue dentro da sua orbita d'acção pelo ideal e para o ideal! Ora, carissimo auctor do postal, cá na redacção do «Zé», não ha mercenarios que dizendo bem da monarchia, diziam mal da republica e vice-versa; emquanto que hoje, os vemos por ahi mascarados de republicanos esturrados e altamente collocados.

Temos pena, mesmo muita pena, em ter que dizer ao anonymo leitor do «Zé», que não soube ler as cartas do jornal a que se refere o seu postal. Pois vá á Bibliotheca Publica, e lendo as, reveja se na sua inconsciencia e verá então a triste figura que fez. O nosso presado collega visado, é hoje o que era hontem e o que terá de ser ámanhã—um luctador pelos principios e um conhecedor dos homens e das suas miserias.

E basta que será bem melhor.

♣

HEROE E BENEMERITO

Muita gente boa, anda para ahi agastada com Machado dos Santos, pela razão d'este heroe da Rotunda, ter sacrificado a sua aureola de heroe, por uma choruda pensão que, a titulo de compensação lhe foi arbitrada pelo parlamento e parece, por desejos de outros camaradas seus tambem contemplados com postos superiores por distincção.

Ora, não vemos razão para tão antecipadamente se julgar Machado dos Santos; e não vemos, visto que podemos dizer aos nossos leitores, que o heroe da Rotunda no dia em que receber a pensão, consta, a fará inscrever na lista dos donativos para a compra do novo crusador.

Ahi teem, o que é a intriga e a calumnia—com um simples gesto se derruba o seu castello de papelão! E' sempre assim.

♣

O Sonho do Fado

Com este titulo acaba de ser entregue á empreza do theatro Moderno, uma parodia á celebre opera «Sonho de Valsa», original do nosso collega de redacção Arthur Neves e do nosso amigo Cætano Pereira.

Quem os conhecer...

Aberta a torneira do veneno, que é ás pipas e em abundancia lá pelas regiões da «Lucta», dizia ha dias ali um articulista, do sr. Bernardino Machado, nada mais e nada menos que isto:

«Para o Brazil

Alguns jornaes dizem que o sr. Bernardino Machado vae para o Brazil como ministro de Portugal. Nunca de lá tivesse sahido. Se fôr agora para lá, é quasi uma restituição que fazemos, e á qual só ha que notar o defeito de ser tardia. Não queremos mal á nação brazileira, mas lá diz o outro—para eu morrer, morra meu pae, que é mais velho.»

Irra Satanaz, isto é que se chama um... e valente!

E digam lá, que não ha **união** na sagrada familia dos chamados intellectuaes da republica.

Ahi tem sr. dr. Bernardino Machado, é a retribuição de ter andado de sacola ao hombro e bordão na mão, a pedir para a Republica!

Pelos modos, parece que a procissão ainda agora vae no adro! Veremos...

A festa do anniversario

O Elias, o Jacob,
O Rodrigues, o Feijó,
O Menezes, o Grijó,
Mais as tias da Lóló,
Os sobrinhos do Miró.
Os avós do Bernabó,
O compadre Mascaró,
O cunhado Pharaó
E a burra de Jericó,
Todo o typo que é liró
Mais a Fifi e a Nhónhó,
Os meninos de chinó,
Pinocas de paletot,
Jarretas de guarda pó,
Jogador's de dominó,
Donzellinhas de mantó,
Vendedor's de pão de ló,
Tudo vae até ao nó,
Vae tudo de banda só,
A cantar o trólaró,
N'esta marcha ó «fulambó»!
Pó, pó, pó.

O CRIME DE SACAVEM

—Descobre-se toda a verdade—
—O "Saloio„ tudo confessa—

Um dos crimes que ultimamente mais emocionou o publico foi sem duvida o celebre crime de Portella, ou, como é mais conhecido, o crime de Sacavem.

Devem lembrar-se os leitores das circumstancias Ponsonistas Terrailistas em que elle se deu e por isso não o relatamos limitando-nos a contar quanto ao fim do roubo.

Na primeira visita feita ao local do crime os agentes de segurança descobriram em varios sitios no chão diversos numeros de «O Colyseu» que como se sabe é a intessante publicação em que a empreza do **Colyseu dos Recreios** infórma o publico sobre as novidades que continuamente estão chegando do extrangeiro com destino ao nosso primeiro circo onde funciona actualmente uma companhia de variedades extraordinaria reunindo todos os elementos de valôr necessarios para conseguir um programma que dê honra a uma casa de espectaculos. Alem d'isto as vistas perspicazes dos nossas Sherlokes tambem viram em cima da cama onde o pobre entrevado ficou fortemente ligado com o numero de «O Espectador» publicação que se distribue no **Salão Trindade** e que devido aos milhares e milhares de frequentadores do primoroso salão animatographico tem innumeros leitores. Como se tudo isto não fosse mais que sufficiente para não mais deixar conversar com o João Pestana os nossos intelligentes «policemens» ainda houve mais o seguinte caso que fortemente entrigou os investigadores do grande e horrivel crime: junto á travosseira do velho estavam uns poucos dos artisticos programmas que no **theatro da Republica** distribuem.

Retiraram-se apoz terem feito um exame attento ao local do crime mas pelo caminho falando-se naturalmente do crime vinham todos intrigadissimos sem descobrirem por que diabo de razão foram lá encontrar os programmas dos soberbos espectaculos do **Republica** fôra tudo o mais que relatamos. O tempo passou e um bello dia é preso o «Saloio» que foi sujeito a variados e demorados interregatorios mas em todos elles o accusado mantinha-se na mais formal negativa sobre o ter tomado parte no crime. N'outro bello dia o «Saloio» muda porem de tactica e pum catapum confessa tudo p á pá santa Justa. Ah! então é que se ouviram das quentes e boas. Vão saber os nossos leitores o que, pouco mais ou menos. disse o já celebre «Saloio».

Havia muito tempo que elle e os collegas andavam lá na terra desejosos de virem á capital vêr os espectaculos que por cá ha. Quando o «Saloio» pegava n'um jornal, isso coitado era penas e mais penas de não poder vir a Lisboa apreciar as engraçadissimas comedias do **Gymnasio** de que os jornaes lhe diziam maravilhas, e com razão.

Por vezes deparava com os originaes annuncios do **Theatro das Variedades** e, de novo, mas já de nome, animatographo **Chanotecler** e tudo isto eram facadas para o desgraçado e outros que egualmente ardiam em desejos de virem vêr os espectaculos de Lisboa. Um dia porém leram a noticia da estreia do «Chico das Pêgas» no **Apolo** e vendo o grande successo que aquella peça alcançou reuniram-se e resolveram levar a effeito o tenebroso crime que praticaram conforme os nossos leitores já sabem. Agora sabido que foi devido aos espectaculos que se estão realizando em Lisboa e com o fim de arranjarem dinheiro para os virem apreciar é justo que falemos daquelles a que ainda nos não referimos. São elles o theatro da **trindade** onde Palmira Bastos com o seu grande talento e brilho artistico dá lustre a uma optima companhia; é o theatro **Avenida** onde o impagavel comico que é José Ricardo acompanhado de uma nova, com soberba voz, Adriana de Noronha e secundados por meia duzia de boas vontades, tem conseguido realisar uma serie de espectaculos que tem agradado a valer ao publico. Alem d'este é o **Moderno** com uma revista bem bôa, o **Infattil** com os «Duetos de Margarida» com musica muito apreciavel: o **Chiado-Terrasse**, animatographo com uma soberba machina e mais soberbas ainda... meninas assistentes; o **Grande Salão Foz** com artistas de variedades de valor internacional, genero que o nosso publico tanto aprecia e por isso os applausos são todas as noites colorosos e finalmente **Loreto** e o **Central** aquelle com fitas falladas e este com artisticas que tem causado espanto em Lisboa. E aqui está porque o «Saloio» lá foi á quinta roubar o velho e a familia

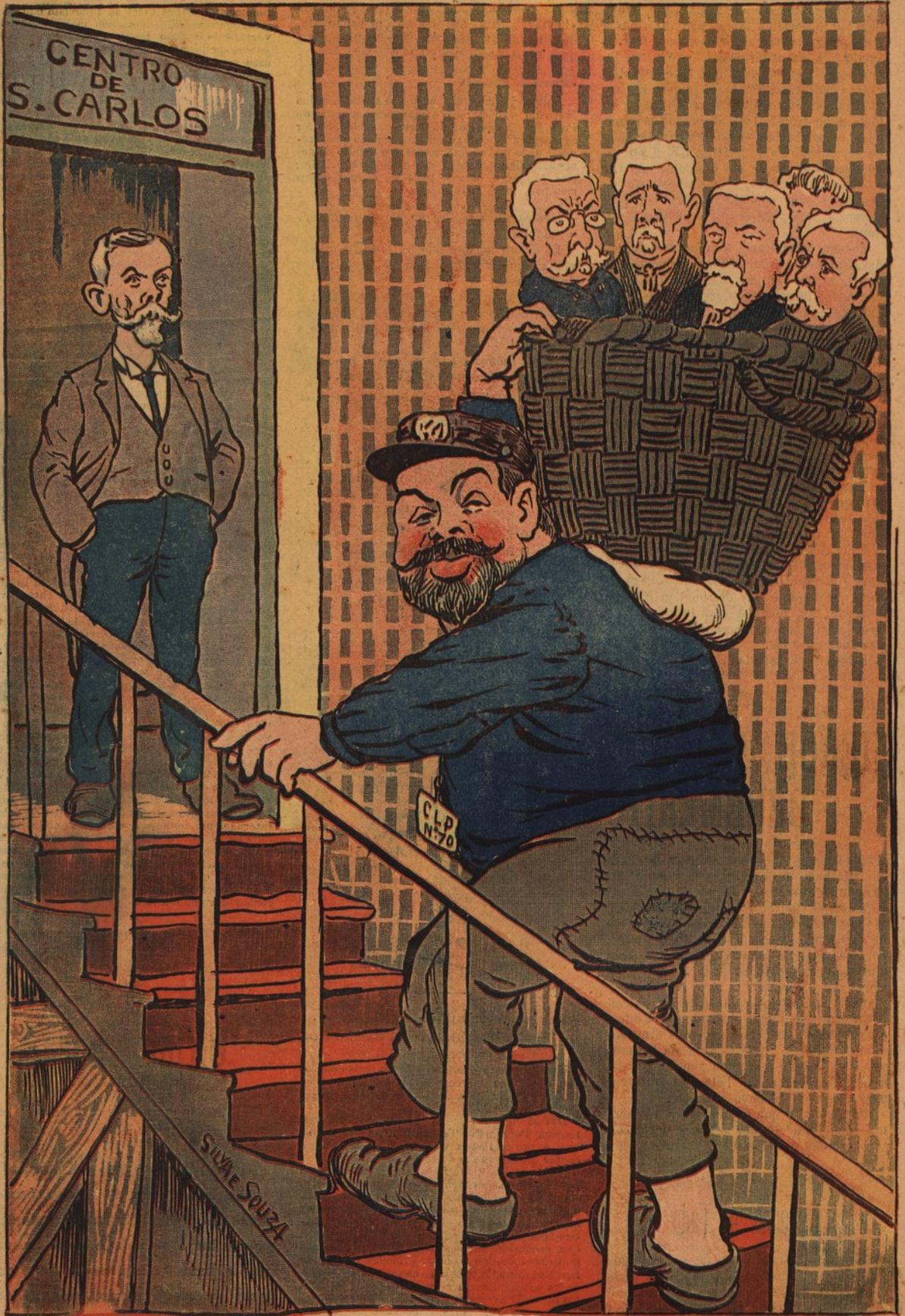
O MESMO DO OUTRO NUMERO.

Ultima hora

De Avellar acabamos de receber o seguinte telegramma:

Semanario «O Zé»—Lisboa.

Arminda ama do Reverendo Antonio Dias Grunho desappareceu ha dias sabendo-se agora que esteve Louza onde deu luz uma creança sexo masculino morta haverá crime?

DOLOROSO FRETE!

Sempre foi o (Innocente) Mello e Sousa da Republica quem, gramou com o fardo do novo Directorio para o centro de... S. Carlos!